

Vírus e Fetiches

Nathan, Tobie & Catherine Lewertowski. 1998. *Soigner: le virus et le fétiche*, Paris: Éditions Odile Jacob.

Laura Pérez Gil

Mestranda, PPGAS-UFSC

Fruto da colaboração entre um grupo de médicos e outro de etnopsiquiatras, comandado por Tobie Nathan, o livro é uma reflexão sobre a relação que os doentes de Aids, de origem africana ou caribenha imigrados na França, estabelecem com o sistema médico francês na hora de enfrentar e tratar sua doença. O objetivo inicial do projeto de pesquisa, que deu origem à obra, é conhecer a forma como estes enfermos entendem seu mal em função de suas próprias concepções culturais acerca das doenças e da morte. Os primeiros capítulos apresentam as histórias de vida narradas por seis dos doentes entrevistados, que são fundamentalmente elaboradas tendo como ponto de referência a doença e sua interpretação. A homogeneidade demonstrada nos relatos, ou quando menos a versão deles oferecida no livro, deve-se às menções à bruxaria, que se converte assim no ponto chave das interpretações.

A explicação que os autores oferecem desse fato centra-se em dois pontos. Um deles mostra como a interpretação causal fornecida pela biomedicina – a Aids é provocada por um vírus – e aquela dada por outros sistemas de conhecimento – a doença é causada por bruxaria – não são incompatíveis no pensamento dos doentes, como poderia parecer na perspectiva do pensamento científico ocidental. Os dois tipos de sistemas terapêuticos se relacionam através da idéia dos níveis de causalidade, ainda que o termo não seja utilizado explicitamente no livro, já delineado por Evans-Pritchard em sua obra *Witchcraft, Oracles and Magic among the Azande* e desenvolvido posteriormente por outros antropólogos, segundo a qual a bruxaria é entendida como a causa última do mal, enquanto o vírus da Aids, nesse caso, representa apenas a causa imediata que produz a desgraça, o instrumento do qual se serve o bruxo para alcançar seus maus desígnios. A razão dessa causa última, os conflitos que levaram em última instância ao desenvolvimento da doença, é procurada nas relações sentimentais dos doentes, em suas relações sociais, especialmente nas familiares – daí que os autores reservem alguns capítulos do livro

à exposição dos sistemas de parentesco nos quais estão inseridos os pacientes estudados.

Essas considerações levam aos pesquisadores ao segundo ponto: uma das diferenças fundamentais entre a biomedicina e outras terapias tradicionais é a concepção da pessoa e sua relação com a enfermidade, já que enquanto a biomedicina trabalha com um conceito de indivíduo que enfrenta sozinho sua doença, os sistemas tradicionais aos que referidos no livro consideram a pessoa inserida numa série de relações definidas, especialmente pelo parentesco, membro de um grupo que pode atacá-la através da bruxaria, mas que também a defende e protege. Dessa forma, o sistema tradicional fornece ao doente uma rede de cuidados, proteção e ajuda da qual carece a medicina ocidental. Esse fato, parecem pensar os autores, é o que dota os sistemas tradicionais de eficácia e sentido frente ao sistema médico ocidental, que rejeita qualquer consideração sobre as relações sociais como elementos implicados nas doenças.

Em última instância, o estudo serve aos pesquisadores, não tanto para refletir sobre a forma de lidar com os comportamentos e o entendimento que os enfermos de Aids provenientes de outras culturas têm, quanto para propor a questão da relação entre a ciência médica e as ciências sociais e para argumentar sobre as vantagens de uma abertura da medicina à sociedade, especialmente aos pacientes, em vez de se apresentar como um núcleo fechado e inacessível. A doença é um fato não apenas biológico, tal como é representado pela alopatia, mas também social e psicológico. O aspecto social da doença desdobra-se em dois sentidos: por um lado, a desordem que acontece durante uma enfermidade não é apenas de caráter biológico, não afeta apenas ao corpo, mas tem implicações e fatores causais emocionais e psicológicos, que remetem, em última instância, às relações sociais do doente e aos conflitos que essas podem envolver; por outro, quando uma pessoa está doente adentra-se em uma rede de gestão da doença e da terapia controlada e definida pelo sistema médico em conjunto (médicos, hospitais, burocracia...) – nesse ponto os autores referem-se exclusivamente à medicina, mas a mesma reflexão poderia ser feita a respeito dos outros sistemas terapêuticos –, e adquire, em muitas ocasiões, especialmente no caso da Aids, um novo status, dentro e fora da família, que redefine, às vezes de forma drástica e dramática, suas relações com a sociedade.

Nesse sentido, o caso dos emigrados na Europa constitui um exemplo claro de como a doença tem implicações além do biológico com as quais a medicina ocidental não se preocupa, repercutindo essa falha na eficácia dos tratamentos e da prevenção. Na realidade, não se trata apenas de melhorar a eficácia mas também de realizar um esforço de compressão e tolerância para com as culturas com as quais a européia ocidental, nesse caso a francesa, está em contato cada vez mais estreito. Esta atitude relativizante leva os autores a criticarem a antropologia por usar o conceito de “representação da doença”, já que consideram que tal noção implica a idéia de que a realidade é aquela definida pela biomedicina, e de que as outras terapias tradicionais apenas *representam*, de uma forma mais ou menos acertada e eficaz, essa realidade. Argumentam ainda que as representações são apenas o resultado de ações, de forma que a única forma coerente de abordar metodologicamente os fenômenos estudados é considerá-los em termos dessas últimas. No entanto, muitos trabalhos antropológicos consideram que a biomedicina é um sistema de conhecimento entre outros e que ela também representa e constrói, como os outros sistemas de conhecimento, sua própria realidade. Por outra parte, a relação entre representações e ações é muito mais complexa que aquela implicada por um simples princípio de causalidade. O livro todo é um estudo da forma em que as pessoas, com paradigmas diferentes da cultura científica ocidental, constroem suas representações sobre a Aids. Enfim, essa é a idéia que subjaz à obra, a qual não está tão distante da antropologia como se pretende.